

# Estratégias de ensino do Badminton para alunos com deficiência: uma revisão integrativa

Badminton teaching strategies for students with disabilities: an integrative review

Luan Gonçalves Jucá<sup>1</sup>, George Almeida Lima<sup>2</sup>, Diego Luz Moura<sup>3</sup>

Como citar esse artigo. JUCÁ, L. G. LIMA, G. A. MOURA, D. L. Estratégias de ensino do Badminton para alunos com deficiência: uma revisão integrativa. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 216-224, set./dez. 2024.

## Resumo

Este estudo objetivou compreender as estratégias de ensino do Badminton para alunos com deficiência. Utilizou-se a revisão integrativa da literatura a partir das bases: Scielo, Lilacs, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, Periódicos Capes e Google Scholar. Foram encontrados 48 artigos, que após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, cinco artigos compuseram o *corpus* analítico deste trabalho. Os resultados apontam que há uma incipiência de produções acadêmicas relacionadas ao tema em questão. No que concerne a publicação dos estudos, eles foram publicados entre 2014 e 2019. Também é possível destacar que inclusão dos alunos está alinhada com o processo de adaptação das atividades, considerando-se as capacidades discentes. Conclui-se que o badminton se apresenta como uma prática de fácil acesso, possibilitando a participação dos alunos a partir da realização de adaptações.

**Palavras-chave:** Atividade Motora Adaptada; Educação Física; Para-Badminton; Paradesporto; Escola; Adaptação.



## Abstract

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

This study aimed to understand the teaching strategies of Badminton for students with disabilities. An integrative literature review was used based on the following databases: Scielo, Lilacs, BDTD, Capes Journals and Google Scholar. A total of 48 articles were found, and after applying the inclusion and exclusion criteria, five articles comprised the analytical corpus of this work. The results indicate that there is a lack of academic production related to the topic in question. Regarding the publication of the studies, they were published between 2014 and 2019. It is also possible to highlight that the inclusion of students is aligned with the process of adapting activities, considering the students' abilities. It is concluded that Badminton presents itself as an easily accessible practice, enabling students' participation through adaptations.

**Keywords:** Adapted Motor Activity; Physical Education; Para-Badminton; Para-Sport; School; Adaptation.

## Introdução

O ensino das práticas corporais, tanto no contexto escolar quanto fora dele, tem sido criticado por priorizar o rendimento esportivo com base na repetição de movimentos estritamente técnicos e enfatizando apenas os quatro principais modalidades coletivas mais evidenciadas pelos veículos midiáticos: basquetebol, futsal, voleibol e handebol (Rufino; Darido, 2012). Desse modo, precisa-se ampliar, nos campos formais e informais de ensino, a tematização e os debates que possam contribuir para a inclusão das distintas manifestações da cultura corporal do movimento, como Danças, Ginásticas, Jogos, Esportes, Lutas, entre outras atividades. Ademais, também destaca-se a necessidade do rompimento da

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE). Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC/PE), Petrolina, Pernambuco, Brasil

<sup>2</sup>Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE). Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE), Campos Sales, Ceará, Brasil.

<sup>3</sup>Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE), Petrolina, Pernambuco, Brasil.

E-mail de correspondência: george\_almeida.lima@hotmail.com

Recebido em: 12/07/2024. Aceito em: 10/09/2024.

hegemonia dos processos de ensino que consideram a competição como elemento basilar da educação física. Dessa forma, deve-se adotar recursos teórico-metodológicos de ensino que considerem a utilização de metodologias inovadoras que estejam centradas nas percepções socioculturais discentes (Jucá; Lima; Melo, 2022).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) são documentos norteadores que foram criados para estruturar o currículo escolar, e nesse processo, ampliaram-se as possibilidades de temas a serem desenvolvidos nas aulas de educação física escolar. Segundo Moura (2021), esse debate vem sendo evidenciado desde a década de 1980. Todavia, a crise de identidade da educação física escolar, pautada na dicotomia entre teoria e prática (Bracht, 2007), contribuiu para a desvalorização dessa disciplina, em que “o papel da corporeidade na aprendizagem foi historicamente subestimado, negligenciado” (Bracht, 1999, p. 71).

Destarte, embora os documentos supracitados busquem contribuir com os processos de ensino e aprendizagem na educação básica, eles apresentam essas temáticas de maneira compulsória, sem abordar referenciais teóricos específicos que possam nortear o trabalho docente e também não propõem recursos didático-metodológicos que subsidiem a prática pedagógica docente. Outrossim, é importante ressaltar que as escolhas metodológicas dos professores e professoras considerem a inclusão, tema que tem sido debatido, ao longo do tempo por diferentes áreas do conhecimento, inclusive no campo escolar, que deve ser um espaço democrático em que todos tenham acesso a uma educação crítica e emancipatória (Brasil, 2017).

Nesta seara, a inclusão requer uma quebra de paradigmas no contexto educacional, envolvendo todos os alunos, não apenas os estudantes com deficiências. Para que isso ocorra, é preciso que o sistema educacional seja pensado a partir de princípios democráticos, indo além das práticas evidenciadas pela mídia ou de processos de ensino alienantes (Mantoan, 2015). Nesse sentido, é importante que os professores utilizem metodologias centradas nos alunos, como a criação de aulas abertas<sup>1</sup>, a diversificação dos conteúdos e o uso de recursos tecnológicos (Jucá; Lima; Melo, 2022). Todavia, Dias, Jucá e Lima (2023) salientam que embora os recursos tecnológicos possam ser aspectos substanciais no processo de ensino-aprendizagem, *déficits* estruturais nas escolas inviabilizam a utilização desses elementos.

No que concerne à diversificação dos conteúdos no campo educacional, destacamos que a BNCC incluiu os esportes de rede e parede como uma das práticas a serem desenvolvidas, envolvendo ações de lançamento ou rebater um objeto em direção à quadra adversária, com o objetivo de evitar que os integrantes contrários devolvam a bola (Brasil, 2017). Nesse sentido, dentre a ampla gama de esportes de rede e de parede, o Badminton se apresenta como uma possibilidade para a diversificação dos conteúdos.

O Badminton é uma prática corporal considerada um esporte de rede que pode ser praticado entre dois ou quatro participantes. Essa atividade possui uma lógica interna parecida com o tênis, pois envolve o lançamento de um objeto para a quadra adversária. Essa prática possui objetos peculiares, como raquetes e petecas. Essa modalidade engloba uma série de capacidades físicas, como coordenação motora, agilidade e velocidade de reação (Aburachid *et al.*, 2019). Essa prática corporal, embora englobe capacidades físicas específicas, pode ser desenvolvida para alunos com deficiência, uma vez que adaptações podem ser realizadas, facilitando a vivência dessa atividade (Oliveira; Gonçalves; Seabra Junior, 2017).

Oliveira *et al.* (2017) realizaram uma revisão sistemática que objetivou compreender a construção de conhecimentos relacionados aos esportes adaptados para pessoas com deficiência, especificamente, o Badminton. Os resultados encontrados não evidenciaram nenhum estudo sobre o ensino do Badminton para pessoas com deficiência. A autoria conclui que o Badminton ainda é uma modalidade pouco explorada para pessoas com deficiência.

Considerando a incipiência de estudos sobre esse fenômeno e os tensionamentos relacionados a busca pelo rompimento da hegemonia dos esportes e da competição do campo escolar e não escolar, faz-

1 Aulas que consideram a participação dos(as) estudantes no processo de escolha das atividades de ensino, estreitando a interação social entre alunos(as) e professores(as) e propiciando a familiarização dos(as) alunos(as) com a temática a ser desenvolvida (Hildebrandt; Laging, 1986).

se necessário o desenvolvimento de estudos que possam refletir e problematizar sobre os aspectos ligados ao ensino do Badminton como um elemento potencializador do processo de inclusão discente. Diante disso, este estudo busca apresentar as estratégias de ensino do Badminton para alunos com deficiência nos diferentes espaços educacionais.

## Método

Utilizamos a revisão integrativa da literatura, que é um tipo de revisão que possibilita a síntese de estudos já publicados, gerando novos resultados e apresentando novas percepções sobre o fenômeno investigado (Botelho; Cunha; Macêdo, 2011). Esse tipo de investigação, segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) possui um delineamento que considera o desenvolvimento de etapas específicas: (i) pergunta norteadora, que no caso deste estudo, parte do seguinte questionamento: quais as estratégias de ensino do Badminton para alunos(as) com deficiência? (ii) amostragem da literatura, (iii) coleta de dados, (iv) análise crítica dos dados incluídos, (v) discussão dos resultados e (vi) apresentação da revisão.

O levantamento bibliográfico, sem recorte temporal, foi feito em dezembro de 2023 nas bases de dados SCIELO (0 artigos), LILACS (1 artigo), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) (3 artigos), Portal de Periódicos da CAPES (4 artigos) e Google Scholar (25 artigos), utilizando o descritor “Badminton” AND “Adaptado”. Escolhemos essas bases de dados por produções acadêmicas relevantes e revisadas por pares. Na base de dados do Google Scholar, foram analisados os artigos incluídos até as quatro primeiras páginas dessa base de dados, pois nas páginas subsequentes os textos encontrados não se alinhavam ao objeto deste estudo. O quadro 1 apresenta a quantidade de artigos encontrados em cada base.

**Quadro 01.** Quantidade de artigos encontrados em cada uma das bases de dados analisadas

Descritor	SciELO	Lilacs	BDTD	Portal de Periódicos Capes	Google Scholar	Total
Badminton AND Adaptado	0	01	03	04	40	48

Fonte. Dados da pesquisa (2023)

Os critérios de inclusão dos artigos foram: (i) obras em português; (ii) obras que abordam o ensino de Badminton adaptado para alunos com deficiência; (iii) artigos originais, dissertações e teses e (iv) artigos revisados por pares. Os critérios de exclusão foram: (i) obras indisponíveis gratuitamente em meio eletrônico; (ii) artigos de revisão e (iii) trabalhos publicados em anais de eventos.

A coleta dos dados foi realizada, de maneira independente, por dois autores. Ao selecionar os textos, os autores os classificavam como “incluído”, “excluído” ou “incerteza”. Caso houvesse discordância no processo de inclusão dos artigos, o terceiro autor realizaria o desempate. Essa dinâmica objetiva evitar possíveis vieses na inclusão dos textos (Sampaio; Mancini, 2007). Destacamos que não houve divergência na inclusão dos dados.

O primeiro processo de coleta considerou a leitura e análise do título e do resumo dos trabalhos, em que deveriam apresentar elementos que retratassem aspectos sobre o ensino do Badminton adaptado para alunos com deficiência nos diferentes espaços educacionais. Nesse primeiro processo, foram incluídos oito artigos. O segundo procedimento considerou a análise de textos duplicados, em que dois artigos foram excluídos, restando seis artigos que foram incluídos para a próxima triagem, que se configurou como a leitura na íntegra, ao qual um artigo foi excluído por se tratar de um texto que discutia sobre

atletas de rendimento e não atender aos critérios de inclusão. Dessa forma, cinco artigos compuseram o *corpus* analítico deste estudo.

Os cinco artigos incluídos neste estudo foram inseridos em uma planilha de *Excel*<sup>®</sup> que considerou variáveis como: (i) título do artigo; (ii) objetivo; (iii) metodologia; (iv) resultados e (v) considerações finais. A análise dos dados foi realizada a partir da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), considerando: (i) familiarização dos dados, (ii) geração de códigos iniciais, (iii) busca por temas, (iv) revisão dos temas, (v) definição e denominação dos temas e (vi) produção do relatório final. Embora este estudo tenha utilizado a análise temática para as reflexões e inferências sobre os dados encontrados, a incipiência de artigos e a convergência dos resultados não permitiu a criação de categorias específicas.

## Resultados

A amostra foi constituída por cinco publicações, sendo elas, três artigos originais, uma dissertação e uma tese (Oliveira; Seabra Júnior, 2014; Oliveira, 2016; Strapasson, 2016; Oliveira; Faustino; Seabra Junior, 2017; Strapasson; Alves; Duarte, 2019).

Oliveira e Seabra Junior (2014) adaptaram o ensino de Badminton para crianças e adolescentes com deficiência intelectual em um projeto de extensão realizado em um município do interior do estado de São Paulo/SP, sendo desenvolvidas 40 sessões de 60 minutos cada, com quatro estudantes matriculados na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Os autores analisaram as habilidades dos alunos e realizaram atividades de equilíbrio, deslocamento, recepção/rebatida, empunhadura e saque, com um total de cinco a 12 atividades por sessão. Destacou-se que a organização das aulas pautadas nesses fundamentos foram eficazes para o aprendizado desses alunos.

Strapasson (2016) aplicou o programa de ensino *Shuttle Time*, que consiste em um programa específico de ensino do Badminton, com 22 planos de aulas direcionados aos profissionais que pretendem trabalhar com a modalidade. Foram desenvolvidas 22 aulas na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com duração de uma hora e 15 minutos cada sessão. Participaram do estudo quatro crianças com deficiência física. Aponta-se que o programa não foi adequado para duas crianças que participaram deste estudo, pois não possuíam desenvolvimento motor para a realização dos movimentos específicos. Em relação aos demais participantes, das 92 atividades aplicadas, 30 necessitaram de adaptações. Conclui-se que o programa precisa de adaptações para que as pessoas com deficiência física possam realizar as atividades.

Oliveira (2016) analisou os efeitos de um programa de Badminton em adolescentes com síndrome de Down. A autora utilizou a linha de base para verificar o aprendizado antes e depois do programa de ensino, que consistiu em 16 sessões de 30 minutos cada, realizadas especificamente com três alunos com síndrome de Down, com idades entre 12 e 13 anos. As atividades foram desenvolvidas em uma instituição de ensino para pessoas com deficiência. Os resultados indicaram que os alunos precisaram de 11 a 13 sessões de atividades adaptadas para realizar diferentes empunhaduras<sup>2</sup> e aprender o saque. A utilização de bolas de diferentes tamanhos e raquetes adaptadas ampliou a participação e aprendizagem dos alunos.

Oliveira, Faustino e Seabra Junior (2017) adaptaram estratégias de ensino e recursos pedagógicos para o ensino do Badminton para sete alunos com deficiência intelectual entre nove e 14 anos. Foram realizadas 17 aulas, específicas para este público. As atividades foram realizadas na APAE da cidade de Presidente Prudente/SP. Os alunos apresentaram dificuldades na empunhadura, e todos precisaram de adaptações para a execução da recepção e rebatida.

Strapasson, Alves e Duarte (2019) criaram um programa de Para-Badminton para três crianças com deficiência física com idades entre seis a oito anos, que foi aplicado a partir de um projeto de extensão

2 <sup>2</sup>Existem dois tipos de empunhadura no Badminton: (i) forehand, em que a raquete deve ser empunhada como se o adepto estivesse apertando a mão com ela. (ii) backhand, em que a mão deve virar ligeiramente, colocando o polegar contra as costas do punho da raquete.

realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foram ministradas 22 aulas, desenvolvidas duas vezes por semana com 75 minutos de duração. As aulas consideraram quatro eixos de ensino: (i) manejo e deslocamento em cadeira de rodas, (ii) jogos e brincadeiras com petecas, (iii) jogos e brincadeiras com raquetes e (iv) jogos e brincadeiras com raquetes e petecas. O programa foi considerado efetivo para atender às habilidades individuais dos alunos e recomendado para crianças com deficiência física praticarem Badminton.

## Discussão

Nesta seção, serão apresentadas as discussões oriundas da análise dos cinco manuscritos apresentados no tópico anterior. Os cinco textos encontrados apresentam aspectos sobre o ensino do Badminton para pessoas com deficiência, apontando reflexões sobre estratégias metodológicas para o ensino desta modalidade em diferentes espaços educacionais (Oliveira; Seabra Júnior, 2014; Oliveira, 2016; Strapasson, 2016; Oliveira; Faustino; Seabra Junior, 2017; Strapasson; Alves; Duarte, 2019).

Destacamos que a idade dos participantes variou entre seis e 16 anos, abrangendo alunos com diferentes deficiências (física, deficiência intelectual e Síndrome de Down) e níveis de desenvolvimento cognitivo, social e motor distintos. Desse modo, o professor precisa delinear sua metodologia para atuar de maneira coerente a partir das peculiaridades de cada aluno, considerando: (i) faixa etária específica, (ii) tipo de deficiência e (iii) o nível de aprendizagem motora. Nesse sentido, a ampliação das concepções metodológicas docentes deve considerar as singularidades dos estudantes. Desta feita, faz-se necessária a utilização de recursos que viabilizem o desenvolvimento e a participação discente, como petecas, raquetes e redes.

O Badminton se apresenta como uma possibilidade de atividade a ser tematizada nas escolas, pois sua prática possui distintas formas de adaptação, adequando-se às distintas realidades escolares e possibilitando a participação efetiva dos alunos. Percebemos, a partir do estudo de Strapasson (2016), que o *Shuttle Time* necessita de adaptações que considerem as necessidades dos estudantes com deficiência, sendo útil para fomentar sua aprendizagem nessa prática corporal. Nesse sentido, a partir das adaptações necessárias, a prática do Badminton pode ser realizada em qualquer idade, independentemente da capacidade tática e técnica, caracterizando-se como uma prática segura, divertida e de menor impacto para crianças e jovens, em comparação aos esportes coletivos, que exigem uma maior competência motora.

No que se refere à metodologia de ensino do Badminton, os resultados apontaram que existem programas e atividades adaptadas que podem ser desenvolvidas nos espaços de aprendizagem de maneira que facilite a inclusão dos alunos com deficiência. Para isso, os professores devem sistematizar sua prática pedagógica, analisando as individualidades dos discentes e oportunizando experiências que ampliem suas capacidades cognitivas, motoras e sociais.

Compreendendo que o Badminton é uma modalidade que necessita de controle corporal, precisão e equilíbrio, o desenvolvimento de atividades que trabalhem as habilidades de manipulação de diferentes objetos, o trabalho da noção espaço-temporal e de esquema corporal podem facilitar o aprendizado dos(as) aluno(as) sobre os fundamentos dessa modalidade.

As obras analisadas reforçam a discussão sobre a importância das adaptações nas estratégias de ensino para que os alunos consigam desenvolver habilidades para a prática do Badminton. Para Cowart (1978), podem ser realizadas adaptações nas raquetes de pessoas que apresentam deficiências, como dificuldades na capacidade de equilíbrio, pessoas que utilizam muletas, pessoas com membros amputados e com dificuldades de coordenação visomotora. As pessoas com dificuldades na coordenação visomotora podem realizar a prática do Badminton com raquetes menores, e a partir do seu processo de adaptação da modalidade, podem começar a usar as raquetes regulares.



Cowart (1979) realizou uma adaptação na raquete de Badminton com o intuito de oportunizar a prática para que um aluno com amputação bilateral de membro superior conseguisse realizar a rebatida, encaixando o gancho ligado à sua amputação à alça da raquete. Essa adaptação possibilitou a participação desse aluno nas atividades dessa modalidade.

Cowart (1982) promoveu adaptações nas aulas para possibilitar a participação de pessoas com deficiência motora na prática do Badminton. Dentre essas adaptações, os participantes conseguiram realizar todas as atividades propostas estando sentados no chão, diminuindo a probabilidade de quedas durante a realização dessa modalidade.

No que se refere aos materiais, pode-se adaptá-los utilizando os diferentes espaços que o ambiente propicia, bolas de diversos tamanhos, cordas, redes, cones, petecas e raquetes construídas pelos próprios alunos, alvos, panos etc. Desse modo, ao considerar as necessidades dos alunos e adaptar as atividades, o professor coloca os alunos no centro do processo de ensino e aprendizagem, possibilitando a ampliação de suas experiências e os desenvolvendo integralmente.

Embora os resultados encontrados evidenciem a importância do ensino do Badminton para o desenvolvimento motor, social e cognitivo de alunos e alunas com deficiências, essa prática também deve perpassar as demais etapas da educação básica, sendo vivenciada e problematizada por todos os(as) discentes.

Destarte, segundo Scarpato, Fernandes e Almeida (2020), muitos fatores dificultam o processo de participação dos alunos nas aulas, como *déficits* na formação docente e ausência de apoio e suporte das instituições educacionais. Essas problemáticas desencadeiam insegurança nos professores, dificultando a implementação de estratégias didático-pedagógicas que considerem as singularidades discentes.

Embora essas dificuldades estejam presentes no ensino do Badminton, tanto no contexto escolar quanto fora dele, Guioti, Toledo e Scaglia (2014) constatam que os esportes de raquete são adaptáveis e sua tematização, a partir de uma perspectiva crítica, pode contribuir para o rompimento da hegemonia da competitividade exacerbada cristalizada pelos esportes coletivos.

As possíveis adaptações realizadas pelos professores podem considerar as distintas realidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, podendo contribuir para a diminuição da insegurança na vivência dessa prática. Esse fato propicia maior aproximação dos alunos com os esportes de raquete, pois a partir de uma metodologia que envolva os aspectos lúdicos, possibilita-se momentos de socialização e quebra de preconceitos relacionados às pessoas com deficiência.

Nesse sentido, no que concerne ao ensino de uma prática corporal, deve-se propiciar saberes que considerem três processos pedagógicos: (i) referencial técnico-tático, ligado às regras, capacidades técnicas e táticas do jogo, (ii) referencial socioeducativo, relacionado ao desenvolvimento de atitudes, (iii) referencial histórico-cultural que são conceitos e reflexões que envolvem o desenvolvimento da modalidade. A consolidação desses saberes pode subsidiar o desenvolvimento de recursos pedagógicos que facilitem a abordagem dessa temática em diferentes contextos (Machado; Galatti; Paes, 2012).

Pode-se observar que a efetivação de metodologias que considerem elementos que diversifiquem as possibilidades de ensino do Badminton, pode impactar positivamente na aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, apresentam-se múltiplas possibilidades de participação dos discentes nos distintos universos que compreendem o ensino das práticas desportivas, seja na escola, em projetos de extensão, em escolinhas esportivas ou projetos sociais.

## Considerações finais

A partir deste estudo, percebemos que os trabalhos incluídos discutiram sobre o desenvolvimento de

ações direcionadas para alunos com deficiências, como deficiência intelectual, deficiência física e Síndrome de Down. A partir da utilização de estratégias metodológicas pautadas na adaptação dos materiais, como utilização de bolas de diferentes tamanhos, petecas, cones, cordas, raquetes e alvos, pode configurar-se como um elemento que amplia as possibilidades de participação dos alunos nas atividades.

Outrossim, as adaptações aludidas acima podem ser desenvolvidas em diferentes campos de ensino, com vistas a facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, facilitando a inclusão de estudantes com e sem deficiências. Com reforço, destaca-se que as adaptações devem considerar as singularidades políticas, sociais, culturais e econômicas desses discentes. Dessa forma, ao adaptar as atividades do Badminton em consonância com as dinâmicas socioculturais dos alunos, o professor contribui para o desenvolvimento de processos de inclusão, pois atividades ligadas as subjetividades discentes podem ter maior familiarização com os alunos.

Observamos que, embora existam estudos recentes sobre a temática, ainda há poucos trabalhos que englobam o ensino das práticas corporais para alunos com demais deficiências. Portanto, recomendamos a realização de novas pesquisas que ampliem o conhecimento nessa área, para que possamos aprimorar as estratégias de ensino e tornar a prática do Badminton adaptado mais inclusiva e acessível a todos os indivíduos.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

## Referências

ABURACHID, L. M. C. *et al.* Badminton: possibilidades de ensino aplicadas ao contexto da educação física escolar. **Journal of Physical Education**, v. 30, p. e3055, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/TcfFq5gdqfjH3p4YzBj5tf/?lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2023.

BADMINTON, World Federation. Disponível em: <https://bwfBadminton.com/> Acesso em: 30 out. 2023.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>. Acesso em: 16 out. 2023.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 69-88, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 3. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2007.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa> Acesso em: 15 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 15 fev. 2023

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em 15 fev. 2023.

COSTA, C. R.; MOREIRA, J. C. C.; SEABRA JÚNIOR, M. O. Estratégias de ensino e recursos pedagógicos para o ensino de alunos com TDAH em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, p. 111-126, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/bv9tRkHHTGWrHqp9KXhS7Bw>. Acesso em: 20 jul. 2024.

COSTA, A. P.; SILVA, K. P.; SILVA, M. F.M. Recurso educativo utilizado nas aulas de Educação Física para inclusão. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 22, n. 1, p. 99-108, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/10481>. Acesso em: 20 jul. 2024.

COWART, J. Program Adaptations for Students in Four Selected Sports: Badminton, Golf, Archery, and Tennis. **Practical Pointers**, v. 5, n. 10, p. 1-12, 1982. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED242129>. Acesso em: 20 jul. 2024.

COWART, J. Sports Adaptations for Unilateral and Bilateral Upper-Limb Amputees: Archery/Badminton/Baseball/Softball/Bowling/Golf/Table Tennis. **Practical Pointers**, v. 2, n. 10, p. 1-15, 1979. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED193829>. Acesso em: 20 jul. 2024.

COWART, J. Teacher-Made Adapted Devices for Archery, Badminton, and Table Tennis. **Practical Pointers**, v. 1, n. 13, p. 1-17, 1978. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED209886>. Acesso em: 20 jul. 2024.

DIAS, J. T. L. B.; JUCÁ, L. G.; LIMA, G. A. Atuação docente na educação física escolar durante a pandemia da covid-19: uma revisão integrativa. **Praxia - Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 5, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/14031>. Acesso em: 22 jul. 2024.

GUIOTI, T. T.; TOLEDO, E.; SCAGLIA, A. J. Esportes de raquete para deficientes intelectuais leves: uma proposta fundamentada na pedagogia do esporte. **Revista brasileira de educação especial**, v. 20, p. 357-370, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/HrMmBJjP53QkqQDn5knWCbf/?format=html>. Acesso em: 22 jul. 2024.

HILDEBRANDT, R. S.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Ao Livro Técnico, 1986.

JUCÁ, L. G.; LIMA, G. A.; MELO, J. R. S. Metodologias inovadoras nas aulas de educação física escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Cocar**, v. 16, n. 34, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4991>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, v. 39, p. 164-176, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p164>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Summus, 2015.

MOURA, D. L. **Cultura e educação física escolar: da teoria à prática**. Ijuí: Unijuí, 2021.

OLIVEIRA, A. R. P. **Programa de ensino das habilidades manipulativas do Badminton para adolescentes com síndrome de Down**. Mestrado em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2016. 111f. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7768?show=full> Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, A. R. P.; FAUSTINO, P. F.; SEABRA JUNIOR, M. O. Adaptações de estratégias e recursos como auxílio à prática do Badminton às crianças com deficiência intelectual. **Revista Gestão & Saúde**, p. 600-611, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/292>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLIVEIRA, A. R. P.; SEABRA JUNIOR, M. O. Projeto de Extensão Universitária: Iniciação do Badminton para Crianças e Adolescentes com Deficiência Intelectual. **ADAPTA**, v. 10, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/adapta/article/view/4071>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLIVEIRA, A. R. P.; GONÇALVES, A. G.; SEABRA JUNIOR, M. O. Badminton e esporte adaptado para pessoas com deficiência: revisão sistemática da literatura. **Revista da associação brasileira de Atividade Motora adaptada**, Marília, v. 18, n. 1, p. 93-108, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6957>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 02, p. 283-300, 2012. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-46902012000200011&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-46902012000200011&script=sci_abstract). Acesso em: 20 jun. 2024.

SCARPATO, L. C.; FERNANDES, P. T.; ALMEIDA, J. J. G. Inclusão e o esporte adaptado na educação física escolar: o que pensam os professores da rede pública de ensino? **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 21, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index>.



[php/sobama/article/view/101111](http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/101111). Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>

STRAPASSON, A. M. **Iniciação ao Para-Badminton**: proposta de atividades baseada no programa de ensino "Shuttle Time". Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2016. 138f.

STRAPASSON, A. M.; ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. O ensino do para-Badminton para crianças com deficiência física. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt**, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/8954>. Acesso em: 22 jun. 2024.